

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC LUIS FELIPE DO VALE FREITAS

DOUTRINA DE OPERAÇÕES RIBEIRINHAS:

uma comparação da doutrina brasileira com a campanha *SEA LORDS* (1968-1970) durante a guerra do Vietnã (1960-1975).

Rio de Janeiro

2020

CC LUIS FELIPE DO VALE FREITAS

DOUTRINA DE OPERAÇÕES RIBEIRINHAS:

uma comparação da doutrina brasileira com a campanha *SEA LORDS* (1968-1970) durante a guerra do Vietnã (1960-1975).

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval,  
como requisito parcial para a conclusão do Curso  
de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Nagashima

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2020

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre ao meu lado dando forças e iluminando a minha proa.

À minha amada esposa Gabriela, por seu apoio em todos os momentos, principalmente quando as dúvidas e a falta de autoconfiança me abateram. Sempre me incentivando a seguir em frente e confiar no meu trabalho.

Ao meu querido filho João, por seu carinho, alegria e compreensão. Você sempre será a minha fonte de energia e de resiliência.

À Escola de Guerra Naval, por meio de sua direção, corpo docente e administração que não mediram esforços em prosseguir com o curso durante um momento muito complicado que o mundo inteiro enfrentou.

Aos meus amigos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores de 2020, pela camaradagem e amizade. Pelo excelente clima de trabalho.

Um agradecimento especial aos meus grandes amigos da Turma Almirante Maximiano, por mais uma vez reunidos e trabalhando juntos por um mesmo objetivo.

Ao meu orientador CF (RM-1) Ohara Barbosa Nagashima, por seu tempo dedicado em aperfeiçoar a minha pesquisa. Pelos ensinamentos valiosos e correções de rumos, os quais garantiram que eu navegasse em uma derrota segura.

## RESUMO

Este estudo possui como tema o planejamento e emprego de recursos militares na guerra irregular. Tem como propósito responder o questionamento: o considerado no manual de Operações Ribeirinhas do Ministério da Defesa do Brasil teve aderência as experiências obtidas durante a campanha *SEA LORDS* realizada pela USN, no delta do Rio Mekong durante a guerra do Vietnã em 1968? Formularemos a hipótese que sim. Desse modo apresentaremos alguns aspectos importantes do manual de Operações Ribeirinhas, que serão comparados com as ações realizadas na operação citada. Logo após, iremos relatar a origem da campanha *SEA LORDS* e como alterou a condução das missões realizadas nos rios e canais da região do delta do Mekong. Também falaremos dos meios fluviais e aéreos que foram utilizados. As bases de combate flutuantes que foram construídas para apoiar a estrutura daquela guerra. E o desenvolvimento de equipamentos, sensores e armamentos. Depois vamos comparar os dois objetos do estudo. Listando aspectos similares e divergentes. De posse dessas informações, vamos concluir que a nossa hipótese está parcialmente correta; pois, apesar da quantidade de aspectos semelhantes ser maior do que os divergentes, o manual militar não aborda aspectos que foram importantes durante a guerra. Como o detalhamento de ações contra a guerra irregular e a insurgência, e da importância da criação de um centro de treinamento. Porém, com os aspectos divergentes percebemos que o manual de Operações Ribeirinhas necessita de uma atualização. Devido às dificuldades de mobilidade no ambiente ribeirinho, constatamos que a Marinha do Brasil é a base para as operações ribeirinhas. Assim, deverá estar à frente sobre questões do assunto. E finalmente, com objetivo de aperfeiçoar a doutrina de operações ribeirinhas, recomendamos o estudo de operações mais recentes.

**Palavras-chave:** Operações Ribeirinhas. Campanha *SEA LORDS*. Combate ribeirinho. Área ribeirinha. Ambiente ribeirinho. Guerra do Vietnã. Bloqueio. *Viet Cong*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Áreas de atuação das operações: <i>Search Turn, Foul Deck, Giant Slingshot e Barrier Reef</i> .....	54
Figura 2	- <i>Fast Patrol Boat (PCF) ou Swift Boat</i> .....	55
Figura 3	- <i>Patrol Boat (WPB) da USCG</i> .....	56
Figura 4	- <i>Patrol Boat, River (PBR)</i> .....	57
Figura 5	- Helicóptero <i>Seawolf</i> .....	58
Figura 6	- Base de Combate Flutuante <i>Sea Float</i> .....	59
Figura 7	- <i>Armored Support Patrol Boat (ASPB)</i> .....	60
Figura 8	- <i>Armored Support Patrol Boat (ASPB)</i> .....	61
Figura 9	- <i>Armored Troop Carrier (ATC)</i> .....	62
Figura 10	- <i>Advanced Tactical Support Bases (ATSB)</i> .....	63
Figura 11	- <i>Zippo monitor</i> equipado com lança-chamas.....	64
Figura 12	- <i>Douche boats. Armored Troop Carrier (ATC)</i> equipado com canhão d'água.....	65
Figura 13	- Aeronaves OV-10 <sup>a</sup> Bronco.....	66

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARL -	Light Repair Ship
ASPB -	Assault Support Patrol Boat
ATC -	Armored Troop Carrier
ATSB -	Advanced Tactical Support Bases
CCB -	Command and Communications Boat
CINCPAC -	Commander in Chief, Pacific
CINCPACFLT -	Commander in Chief, Pacific Fleet
COMNAVFORV -	Commander Naval Forces Vietnam
COMUSMACV -	Commander U.S. Military Assistance Command Vietnam
CMG -	Capitão de Mar e Guerra
EUA -	Estados Unidos da América
LSD -	Landing Ship, Dock
LST -	Landing Ship, Tank
NIOTC -	Naval Inshore Operations Training Center
PBR -	Patrol Boat, River
PCF -	Patrol Craft, Fast
SEAL -	Sea, Air, Land (USN Special Warfare Personnel)
SEA LORDS -	Southeast Asia Lake, Ocean, River, Delta Strategy
SERE -	Survival, Evasion, Resistance and Escape
USCG -	United States Coast Guard
USN -	United States Navy
VC -	Viet Cong
VNN -	Vietnamese Navy
WPB -	Patrol Boat (USCG)
YRBM -	Repair and Maintenance Barge

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>PERSPECTIVA TEÓRICA .....</b>	<b>10</b>
2.1	Objetivos, Ações e Desenvolvimento das Operações .....	10
2.2	Base de Combate Ribeirinha .....	16
2.3	Meios Fluviais .....	17
2.4	Apoio de Fogo .....	18
2.5	Apoio Aéreo .....	19
2.6	Apoio Logístico/Administrativo .....	20
2.7	Aprestamento da Força Ribeirinha .....	22
<b>3</b>	<b>OPERAÇÕES RIBEIRINHAS NO DELTA DO MEKONG .....</b>	<b>23</b>
3.1	Breve histórico do início da <i>Brown Water Navy</i> .....	23
3.2	Desenvolvimento da Campanha <i>SEA LORDS</i> .....	27
3.3	Base Naval de Apoio Flutuante .....	35
3.4	A Flotilha no Delta do Mekong .....	37
3.5	Suporte Aéreo .....	40
3.6	Inovação Tecnológica para o Combate Ribeirinho .....	42
3.7	O Treinamento para as Operações Ribeirinhas .....	43
<b>4</b>	<b>COMPARAÇÃO DO MANUAL MILITAR COM A REALIDADE .....</b>	<b>45</b>
4.1	Aspectos semelhantes entre o Manual e a Realidade .....	45
4.2	Aspectos divergentes entre o Manual e a Realidade .....	47
4.3	Conclusões Parciais .....	48
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

<b>ANEXOS .....</b>	<b>54</b>
---------------------	-----------



## 1 INTRODUÇÃO

Os rios foram fundamentais no processo de desenvolvimento do ser humano. Primeiramente, são fontes de água potável para o consumo, elemento essencial para a sobrevivência. Também são fontes de alimento, onde se desenvolve a atividade pesqueira. Depois se transformaram em vias importantes para o transporte de pessoas e mercadorias, favorecendo o comércio.

Podemos observar que grandes civilizações surgiram próximas de importantes rios, como o império egípcio, que se desenvolveu nas proximidades do Rio Nilo. Com o transcorrer do tempo, os interesses, ambições e as necessidades por expansão territorial foram motivos para o início de guerras, combates e conflitos armados. Novamente os rios desempenharam funções importantes. Foram vias para transporte de tropas, linhas importantes de abastecimento para a manutenção dos combates e batalhas foram travadas nos próprios rios.

Dessa forma, o combate ribeirinho não é um assunto novo, porém, continua possuindo grande relevância ainda atualmente. Esta pesquisa teve como motivação a análise de certos aspectos das Operações Ribeirinhas, entre eles o desenvolvimento das operações, os meios utilizados e a sua logística. Para isso, vamos confrontar um manual militar com uma realidade concreta.

Assim, a pesquisa tem como proposta analisar o FA-M20 Manual de Operações Ribeirinhas, do Ministério da Defesa, 1981, no que diz respeito a: Objetivos, Ações e Desenvolvimento das Operações; Base de Combate Ribeirinha; Meios Fluviais; Apoio de Fogo; Apoio Aéreo; Apoio Logístico/Administrativo; e Aprestamento da Força Ribeirinha. E, em seguida, confrontá-lo com a doutrina *SEA LORDS*, realizada pela *United States Navy* (USN), no delta do Rio Mekong, durante a guerra do Vietnã (1960-1975) no final de novembro de 1968 até dezembro de 1970. Ressaltamos que a edição do manual é posterior à realidade histórica escolhida, mas julgamos que a comparação não perde o seu valor pois aspectos interessantes da

realidade podem não ter sido contemplados na edição do manual.

Assim, esse estudo possui o propósito de responder o seguinte questionamento: o considerado no manual de Operações Ribeirinhas do Ministério da Defesa do Brasil teve aderência às experiências obtidas durante a campanha *SEA LORDS* realizada pela USN, no delta do Rio Mekong durante a guerra do Vietnã em 1968? Diante desse questionamento, o estudo formulou a hipótese que sim, os aspectos analisados do manual de Operações Ribeirinhas tiveram aderência as ações realizadas na campanha *SEA LORDS*.

Essa pesquisa realizaremos em quatro capítulos, sendo três de desenvolvimento e um de conclusões finais. Após a introdução, o primeiro capítulo de desenvolvimento apresentaremos os aspectos descritos no manual de Operações Ribeirinhas que serão confrontados com a realidade concreta. No segundo capítulo vamos apresentar as principais missões executadas na campanha *SEA LORDS*, o seu objetivo estratégico, como os meios navais, terrestres e aéreos atuaram em diversas tarefas e como era realizado o apoio logístico para aquela estrutura de combate. Esses aspectos da operação servirão de referência no momento em que compararmos com o manual. No terceiro capítulo, mostraremos os aspectos semelhantes e divergentes resultantes da comparação entre a operação e o manual militar. Além disso, serão apresentadas algumas considerações parciais.

Por fim, no último capítulo serão apresentadas as conclusões finais e sugestões de futuros estudos com outras realidades mais recentes. Também será destacada a importância do assunto para a Marinha do Brasil.

## **2 PERSPECTIVA TEÓRICA**

Nesse capítulo vamos apresentar alguns conceitos do FA-M20 Manual de Operações Ribeirinhas, do Ministério da Defesa, 1981, os quais vamos confrontar com uma realidade concreta. O manual possui como objetivo estabelecer as bases doutrinárias para o planejamento e execução de operações ribeirinhas conjuntas entre Marinha, Exército e Força Aérea. A aplicação desses conceitos regerá o relacionamento entre as Forças Singulares em diferentes níveis de comando. Inicialmente explicaremos os objetivos, ações e o desenvolvimento das Operações Ribeirinhas. Após, vamos descrever alguns componentes que estruturam esse tipo de operação, os quais serão: Base de Combate Ribeirinha; os Meios Fluviais; Apoio de Fogo; Apoio Aéreo; Apoio Logístico/Administrativo; e o Aprestamento da Força Ribeirinha.

### **2.1 Objetivos, Ações e Desenvolvimento das Operações**

Primeiramente vamos definir o que seriam Operações Ribeirinhas Conjuntas. São operações realizadas por forças militares de forma conjunta, utilizando como base meios navais e terrestres. Os meios aéreos, podendo ser utilizados, contribuirão bastante no desenvolvimento das operações. São realizadas nas águas interiores de um Estado, mais a sua porção terrestre adjacente. Essas áreas possuem características geográficas específicas. E para o cumprimento da missão é fundamental o controle das hidrovias e de suas partes terrestres adjacentes dentro da área de operações (BRASIL, 1981).

A Força Ribeirinha será constituída por unidades da Marinha e do Exército basicamente, mas, nada impede de se adicionar as unidades da Força Aérea, criando uma força integrada até o término da missão que for designada (BRASIL, 1981).

Baseado na missão, nas informações sobre o inimigo, nas características e nas previsões meteorológicas da área de operações ribeirinhas, o Estado-Maior da Força Ribeirinha

designará os objetivos e detalhará as ações impostas e deduzidas para as Forças Componentes (BRASIL, 1981).

Na execução das ações, a organização e o dispositivo tático da Força Ribeirinha durante o trânsito dentro da área de operações, poderá utilizar dentro da sua estrutura grupos, unidades ou elementos-tarefas encarregados de realizar: varredura em áreas suspeitas de estarem minadas; ações de contra-emboscadas, incluindo emprego de resgate de tropa; identificação de meios fluviais suspeitos; escolta avante, nos flancos e na retaguarda; transporte de pessoal e Comando da Força Ribeirinha; apoio de fogo contra alvos selecionados; e apoio logístico móvel (BRASIL, 1981).

O Corpo Principal de uma Força Ribeirinha poderá ter em sua composição grupo, unidade ou elemento-tarefa. Normalmente, o Comando da Força deslocar-se-á próximo do Corpo Principal. Não sendo possível, estará posicionado em local onde terá condições de exercer plenamente as suas atribuições (BRASIL, 1981).

Durante o desenvolvimento das operações, os diferentes tipos de operações e ações táticas executadas pela Força Ribeirinha de forma isolada ou simultaneamente, terão como objetivos: a obtenção e manutenção do controle de hidrovias; obtenção e manutenção do controle da parte terrestre ribeirinha; e localização e destruição das forças inimigas (BRASIL, 1981).

A característica principal da Força Ribeirinha é a integração entre os elementos terrestre e os meios fluviais durante a execução das ações táticas e de apoio (BRASIL, 1981).

Durante a movimentação dos elementos da força, de transporte de equipamentos e de suprimentos o estabelecimento de comunicações pode ficar prejudicado, dessa forma as ações de comando e controle na condução das operações tendem a ser descentralizadas (BRASIL, 1981).

Quanto à mobilidade terrestre, a utilização de carros de combate tanto sobre rodas tanto sobre lagartas e viaturas anfíbias está sujeita às limitações do ambiente ribeirinho. Dependendo das características da área como diversas vias navegáveis, grandes extensões de terrenos alagados, a vegetação muito densa e praticamente a ausência de estradas de comunicação limitará ou até mesmo impedirá a utilização desses meios (BRASIL, 1981).

A mobilidade dos meios fluviais nas hidrovias deverá ser realizada com muita atenção. Pois as correntes fluviais, o regime de cheias, a influência do regime de marés, a profundidade local, o tipo de fundo, a configuração das margens e obstáculos flutuantes podem interferir no deslocamento da Força Ribeirinha, influenciando questões de tempo de trânsito e na utilização dos meios fluviais chegando ao ponto de impedir a utilização de alguns (BRASIL, 1981).

Por causa da dificuldade de locomoção dos meios terrestres, essas unidades não possuem um grau elevado de importância. Devido às características do ambiente ribeirinho, os navios e embarcações tornam-se os principais meios de locomoção. Assim, os meios da Marinha do Brasil serão a base para as operações ribeirinhas.

Agora vamos definir os tipos de ações e operações ou tarefas ribeirinhas.

As ações realizadas pelo Componente Terrestre da Força Ribeirinha em terra e sendo executadas de acordo com a doutrina do Exército são nomeadas ações terrestres da Força Ribeirinha. Quanto às ações realizadas por elementos do Componente Fluvial dessa Força, sendo executadas de acordo com a doutrina da Marinha são chamadas de ações fluviais da Força Ribeirinha. As Ações Conjuntas da Força Ribeirinha são aquelas realizadas pelos Componentes Fluvial e Terrestre de forma harmoniosa para executar as operações ou tarefas ribeirinhas (BRASIL, 1981).

Percebemos que os componentes da Força Ribeirinha desconhecem a doutrina do

outro. Então, como uma ação conjunta pode ser harmoniosa se o componente fluvial desconhece a doutrina do componente terrestre e vice-versa? Desse modo, surge a necessidade de a doutrina de combate ribeirinho ser transmitida de forma única para os componentes fluviais, terrestres e aéreos, de maneira que cada força componente saiba exatamente que a outra está realizando.

O esclarecimento e o reconhecimento são operações com objetivo de obter informações sobre o inimigo, seu posicionamento e informações sobre a área de operações são executadas por frações menores da Força Ribeirinha, em que são utilizados diversos meios. É recomendado para essas frações evitarem o engajamento decisivo com o inimigo (BRASIL, 1981).

A patrulha e a vigilância de vias fluviais são tarefas que possuem os objetivos de identificar e localizar atividade inimiga, também de proporcionar um certo grau de proteção para a Força Ribeirinha em uma área delimitada. As patrulhas podem controlar pontos críticos e o tráfego aquaviário. Na área a proteger ou controlar são estabelecidos uma Base Principal e postos secundários de patrulha e vigilância, que estarão conectados por um sistema de comunicações. As patrulhas ribeirinhas devem evitar o engajamento com forças inimigas. Entretanto, se estiverem devidamente equipadas e reforçadas podem executar ações de limpeza, ações de destruição e ataque a instalações inimigas reduzidas, localizadas nas margens ou ilhas. Os meios utilizados para esse tipo de operações são embarcações velozes, normalmente de pequeno porte e de calado<sup>1</sup> pequeno, à princípio blindado (BRASIL, 1981).

Operações de boqueio fluvial são aquelas que têm a finalidade de impedir que o inimigo passe por uma determinada hidrovia. São utilizados meios fluviais reforçados com elementos terrestres. O Bloqueio será obtido por posições defensivas instaladas em pontos

---

<sup>1</sup> Distância vertical entre a linha base da quilha de um navio ou embarcação, parte estrutural mais inferior, a linha d'água.

selecionados nas margens, ou pelos fogos dos armamentos dos navios e embarcações, ou, ainda, por lançamento de minas. As posições defensivas nas margens e a minagem realizarão o bloqueio permanente, enquanto o bloqueio por fogos do armamento dos meios fluviais será temporário. Em determinadas circunstâncias as operações de Bloqueio Fluvial poderão ser combinadas (BRASIL, 1981).

O Assalto Ribeirinho é uma operação em que forças são desembarcadas nas margens defendidas pelo inimigo para conquistar objetivos terrestres. Esta tarefa exige elevado grau de coordenação, de controle e rapidez. O desembarque e a ocupação das áreas designadas podem ser executados de forma progressiva e gradual. À medida que os objetivos terrestres vão sendo conquistados, escalões cada vez maiores serão utilizados de maneira sucessiva na execução do assalto. O desembarque também poderá ser lançado de uma vez só de forma violenta. Exigindo escalões elevados, protegidos por apoio de fogo de diversas armas, podendo ser complementados por ações da Força Aérea. Na segunda opção, é necessário que a Força Ribeirinha possua um poder de fogo razoavelmente superior à do inimigo. Durante o assalto pode se desencadear ações secundárias, como bloqueio de hidrovias e vias terrestres. O assalto ribeirinho poderá ser a fase inicial de ações terrestres da Força Ribeirinha, ou constituir-se por si mesmo a ação principal. Devido ao alto grau de complexidade e riscos envolvidos, o assalto ribeirinho só é justificável quando não for possível desembarcar em locais fracamente defendidos ou não, por onde será feita a progressão terrestre sobre os objetivos (BRASIL, 1981).

As Incursões são operações onde realizarão penetrações no território hostil, a fim de obter informações sobre o inimigo, confundi-lo ou destruir as suas instalações. A operação termina quando a força de incursão é retirada de forma planejada, após o cumprimento da missão. Se o Objetivo estiver afastado da hidrovia, a força de incursão desembarca em local distante e realiza o percurso por terra. Mas quando estiver próximo, a força desembarcará nas

proximidades, desde que consiga manter o efeito surpresa. Ações diversionárias contribuem para diminuir o poder defensivo do inimigo (BRASIL, 1981).

Emboscadas são tarefas com objetivo específico de destruir forças inimigas. São amplamente empregadas no ambiente ribeirinho, devido às condições favoráveis para sua execução e os resultados que podem proporcionar. O elemento essencial de uma emboscada é a surpresa. A sua execução exige preparação e planejamento cuidadosos, seguindo um plano previamente estabelecido. O momento mais crítico acontece no momento da entrada do inimigo na área da emboscada. Deverão ser impostas às forças inimigas o máximo de perdas. As emboscadas são executadas tanto em terra quanto nas vias navegáveis (BRASIL, 1981).

A princípio, a Força Ribeirinha realiza a tarefa retirada para ser empregada em outra região. A retirada pode ser antecedida por uma retração em terra, em que não haja contato concreto com o inimigo. Entretanto, a cobertura deverá ser feita por elementos de segurança capazes de retardar uma eventual ação inimiga. A condução de uma retirada exige um controle compacto em todas frações da força, de modo de evitar qualquer relaxação dos procedimentos de segurança durante os preparativos e movimento. O momento mais crítico de uma retirada é no embarque e no carregamento em navios e embarcações. Os comandantes envolvidos, dos meios terrestres e dos meios navais, são responsáveis por selecionar a área de embarque. Essa estará tão próxima da localização das unidades terrestres quando as condições da hidrovia, terreno e inimigo permitirem. Áreas múltiplas e agilidade no momento de embarque e carregamento são sempre desejáveis. Em solo, áreas que permitam emboscadas e rotas de movimento retrógradas são instaladas armadilhas e implantadas minas, a fim de evitar ação inimiga (BRASIL, 1981).

Porém, em qualquer operação, o estabelecimento de uma rede de comunicações confiável é fundamental para a coordenação e sincronização das ações, de modo que a missão obtenha sucesso. E dependendo do desenho da via navegável, se tiver muitas curvas, essa



comunicação pode ser degradada e reduzindo muito o raio de ação dos equipamentos rádio, também irá prejudicar o alcance dos radares dos navios, pois a vegetação da floresta absorve uma parte das ondas eletromagnéticas. Este é um fator que deve estar bem compreendido no planejamento, por mais que as operações sejam descentralizadas.

## **2.2 Base de Combate Ribeirinha**

É uma base estabelecida temporariamente dentro da área de operações pelo Comandante da Força Ribeirinha. É o local onde são desencadeadas e apoiadas as ações ribeirinhas. Na base de combate ribeirinha estarão os elementos de comando e controle, a reserva da força, os principais meios de apoio ao combate e de apoio logístico/administrativo. Existem dois tipos de base de combate ribeirinha: terrestre e flutuante. Esse estudo se concentrará na base de combate flutuante (BRASIL, 1981).

A base de combate flutuante é estabelecida em meios flutuantes, podendo abranger porções terrestres adjacentes com objetivo de completá-la e/ou fornecer segurança. Estará localizada em uma área que facilite o desenvolvimento das ações da força e também cumpra os seguintes requisitos: admitir o estabelecimento da sua defesa própria, sem comprometer a capacidade ofensiva da Força Ribeirinha; permitir que o comando da força ou de seus escalões subordinados mantenham o controle operacional; e dispor de locais de amarração e/ou de fundeio para os navios e embarcações, se possível, próxima de área terrestre, de modo a ampliar a capacidade de apoio e permitir sua segurança aproximada (BRASIL, 1981).

O Comando da Força Ribeirinha selecionará a área para base de combate flutuante considerando os seguintes critérios: dispor de espaço adequado para heliponto, quando as ações de superfície forem apoiadas por helicópteros; admitir que os elementos da Força Ribeirinhas, quando desdobrados, permaneçam dentro do alcance dos equipamentos de comunicação e das armas de apoio de fogo; facilitar a execução do Apoio Logístico/Administrativo; e facilitar a

manutenção do controle do tráfego aquaviário julgado essencial (BRASIL, 1981).

Podemos verificar que a base de combate flutuante traz algumas vantagens. Ela possibilita que o Comandante da Força Ribeirinha acompanhe melhor as ações que estão sendo realizadas. Por ser móvel, obriga o inimigo ser mais cauteloso em suas ações, pois nem sempre saberá a posição exata de onde inicia as ações das nossas forças, desse modo diminuindo o ritmo das forças adversas.

### **2.3 Meios Fluviais**

Denominação genéricas para navios e embarcações de combate e de apoio da Marinha, e para navios e embarcações civis mobilizados para integrarem uma Força Ribeirinha, que possuem características próprias para operarem em rios e demais águas interiores (BRASIL, 1981).

Os navios e embarcações escolhidos devem atender às funções de transporte, escolta, patrulha, apoio de fogo, apoio logístico e porta-helicópteros. Sempre que possível, o múltiplo emprego dos navios e embarcações deverá ser considerado, tendo em vista a economia de meios. O espaço disponível para alojar tropas, carregar material, equipamentos e suprimentos, será a condição da organização do componente terrestre para juntar a Força Ribeirinha. Dependendo do tamanho da operação, os seguintes tipos de navios e embarcações poderão ser empregados: comando e controle; transporte de tropa e de carga; patrulha fluvial e apoio tático; reconhecimento; apoio de fogo; contramedidas de minagem; desembarque de tropa; capacidade de operar com helicóptero; embarcação para equipe de demolição submarina para águas interiores; apoio logístico que atendam o reparo de embarcações miúdas, salvamento e reboque; reabastecimento de combustíveis e lubrificantes; e socorro médico (BRASIL, 1981).

Para uma melhor eficiência das missões, é fundamental que os elementos terrestres estejam ambientados aos navios e embarcações. Que conheçam as suas principais

características, os armamentos e tipos de tarefa que podem realizar. Com esse conhecimento, ajudará na integração e na interoperabilidade das operações.

## **2.4 Apoio de Fogo**

Dependendo dos objetivos das operações ribeirinhas, durante o seu desenvolvimento, o apoio de fogo torna-se fundamental (BRASIL, 1981).

A condição e a eficiência do apoio de fogo dependem da existência de locais adequados para o seu posicionamento e as possibilidades de remuniamento. A artilharia terrestre poderá ser instalada em meios flutuantes ou posicionadas em áreas próximas. Os fogos dos meios fluviais e da artilharia de campo serão coordenados pelo mesmo órgão de apoio de fogo (BRASIL, 1981).

Devido à dificuldade de encontrar áreas adequadas para artilharia terrestre que sejam próximas aos objetivos da operação e de transportar essas peças de fogo até local apropriado, pois pelo trajeto pode haver áreas na hidrovia que sejam impossíveis de atravessar por causa da profundidade local ou da largura do canal. Assim, a artilharia terrestre perde a sua importância, tornando o armamento a bordo dos meios fluviais fundamentais para o apoio de fogo das missões.

As necessidades de apoio de fogo devem ser analisadas em ordem de prioridade, de modo ajudar na escolha do tipo de armamento e o seu volume de fogo. Após a determinação das necessidades de apoio de fogo, o primeiro item a ser analisado é a capacidade de apoio de fogo dos elementos de manobra e de apoio da Força Ribeirinha, que deve ser compatível com o cumprimento da sua missão ou tarefa. O apoio de fogo também deve ser realizado de forma coordenada, a fim de obter a economia de meios e a máxima eficiência com grau de segurança planejado. O Plano de apoio de fogo será atualizado no decorrer da operação (BRASIL, 1981).

O Comandante da Força Ribeirinha será responsável pela coordenação de apoio de

fogo, em que será assessorado por pessoal especializado na doutrina do emprego de cada armamento envolvido na Operação. O pessoal será organizado de acordo com os escalões que irão compor a Força Ribeirinha e pelo grau de complexidade exigida da operação considerada. Ademais, a atuação dos elementos de ligação e os observadores de tiro será fundamental na condução de apoio de fogo, onde acompanharão as unidades da Força em terra ou embarcados em aeronaves (BRASIL, 1981).

Devido à complexidade que a área ribeirinha exige, o tipo de armamento e doutrina devem ser específicos. Novamente, observamos a necessidade da transmissão de uma doutrina própria de operações ribeirinhas, de modo que a coordenação do apoio de fogo possa ser realizada com máximo grau de segurança, evitando danos colaterais desnecessários e fogo amigo.

O apoio de fogo nas operações ribeirinhas propõe obter os seguintes efeitos: neutralização; interdição; inquietação; e destruição (BRASIL, 1981).

## **2.5 Apoio Aéreo**

O apoio aéreo nas operações ribeirinhas será realizado pelos meios da Força Aérea Componente, a qual realizará as tarefas de apoio aéreo aproximado, interdição aérea, reconhecimento aéreo, transporte aéreo, ligação e observação em proveito das ações da Força Ribeirinha, em qualquer fase da operação em que se encontre (BRASIL, 1981).

Para aplicação de um apoio eficiente às operações ribeirinhas será necessário a incorporação de um Oficial de Ligação Aérea no Estado-Maior da Força Ribeirinha. Também a incorporação de elementos da força nas operações de apoio aéreo. Desse modo, haverá junto aos elementos de manobra da força ribeirinha um Controlador Aéreo Avançado, poderá exercer as suas funções tanto de terra como do ar (BRASIL, 1981).

Em face do conceito da operação estabelecido pela Força Ribeirinha, o

planejamento do apoio aéreo é elaborado em função do atendimento das necessidades da força em termos de missões pré-planejadas ou imediatas (BRASIL, 1981).

Percebemos que o apoio aéreo nas operações ribeirinhas ganha muita importância. Podemos citar várias razões. As aeronaves podem aumentar a capacidade de fogo de uma missão em um espaço de tempo muito curto em que o inimigo esteja com superioridade. Podem aumentar a eficiência de missões de patrulha e de reconhecimento, pois podem localizar e identificar atividades inimigas em regiões distantes dos meios fluviais. O helicóptero pode aumentar a capacidade de mobilidade da força realizando transporte de tropa, transporte de armamento e munições, transporte de sobressalentes importantes para a manutenção de meios fluviais, evacuações aeromédicas e, também, realizando missões de retirada de tropas que se encontram em perigo de maneira mais rápida.

## **2.6 Apoio Logístico/ Administrativo**

Nas operações ribeirinhas o planejamento do apoio logístico/ administrativo deve atender às seguintes especificidades: descentralização das ações nas operações; limitações das vias de transporte fluvial e terrestre; limitações das instalações como depósitos e portos; vulnerabilidades das vias e dos meios de transporte a frente das ameaças inimigas; necessidade de fornecer aos elementos de manobra capacidade de sustentação durante as ações; utilização de depósitos e de instalações flutuantes móveis; utilização de aeronaves; e máximo aproveitamento das instalações e recursos locais (BRASIL, 1981).

Os níveis de suprimentos devem estar de acordo com as capacidades de estoque e de transporte dos navios e embarcações. Outro fator importante a ser levado em consideração é o tempo de duração da operação. Desse modo, os equipamentos devem ser preferencialmente leves, a fim de facilitar o seu manuseio a bordo dos navios, das embarcações, nas bases de combate e nas transferências de material para as unidades terrestres avançadas. Além disso,

temos outro fator importante, a carga prescrita. É denominada como a quantidade de suprimentos que um homem ou meios de transporte de uma unidade podem transportar, sem prejudicar a capacidade de combate. Tem como objetivo garantir níveis de suprimentos essenciais até que seja ativado o fluxo logístico ou de garantir a execução de operações de curta duração. A carga prescrita compreende os seguintes itens: munição, água; ração; material de saúde; sobressalentes para manutenções de 1º e 2º escalões de armamentos, viaturas, embarcações e navios; equipamentos de comunicações e sensores (BRASIL, 1981).

A rede de distribuição de suprimentos deve ser montada de modo em atender prioritariamente elementos mais avançados ou empregados no cumprimento de tarefas em localidades distantes das bases de combate. Também deve permitir a manutenção do fluxo contínuo de suprimentos. Os navios e embarcações que compõem as bases de combate flutuantes devem ser carregados com suprimentos, a fim de assegurar o fluxo de suprimentos críticos como ração, água, combustível e material de saúde (BRASIL, 1981).

Normalmente, as operações ribeirinhas são realizadas em regiões que possuem pouca ou nenhuma infraestrutura, onde encontramos algumas pequenas cidades ou vilarejos que podem oferecer pouquíssima ajuda ao sistema logístico da força. São localidades em que não se percebe a ação do Estado. Dessa forma, os paióis de suprimentos, os paióis de munição, os tanques de água e de combustível e os alojamentos dos navios são fundamentais para o apoio logístico/ administrativo da força, contribuindo com a ideia de que os meios da Marinha do Brasil são a base de sustentação das operações ribeirinhas.

Quando a duração da operação exigir níveis de suprimentos superiores as capacidades de estocagem dos navios e embarcações da Força Ribeirinha, esta poderá ser apoiada por uma Força de Apoio Logístico Móvel independente (BRASIL, 1981).

## **2.7      Aprestamento da Força Ribeirinha**

Os Comandantes dos Componentes Fluvial e Terrestre da Força Ribeirinha são responsáveis pelo adestramento dos efetivos, e pela condição de eficiência dos meios que se encontram sob a responsabilidade de cada um. Também devem estar atentos a outros aspectos como: estado psicológico dos seus subordinados; condições dos equipamentos, principalmente de comunicações e sensores; condições dos armamentos e munições; condições dos sobressalentes para as manutenções de 1º e 2º escalões; e condições dos suprimentos (BRASIL, 1981).

Quando a Força estiver reunida, serão realizadas ações com a finalidade de completar e finalizar o aprestamento final dos meios. As principais ações do Plano de Operações deverão ser verificadas em detalhes, assegurando, dessa forma, a coordenação necessária das execuções das tarefas dos diversos escalões da Força. Além disso, serão realizados os treinamentos especiais como Plano de Embarque e Carregamento, mais os ensaios das operações (BRASIL, 1981).

Concluimos, que devido as dificuldades que o ambiente ribeirinho impõe sobre a Força Ribeirinha, a doutrina deve ser única, cabendo a cada componente da força conhecer as tarefas, táticas, equipamentos e funções de cada elemento, de modo a obter uma maior harmonia, sinergia e eficiência durante as operações evitando danos colaterais desnecessários e fogo amigo. Outro aspecto que deve ser considerado é que todo pessoal que for atuar em uma missão de operações ribeirinhas deve passar por treinamento específico, pois o treinamento convencional de cada Força Singular, em grande parte, não irá obter o melhor resultado com o mínimo de atrição com a força adversa.

### **3 OPERAÇÕES RIBEIRINHAS NO DELTA DO MEKONG**

Neste capítulo vamos apresentar a realidade concreta que servirá de referência no momento que compararmos com o manual militar apresentado. Vamos abordar os aspectos mais significativos da Campanha *SEA LORDS*. Operação Ribeirinha executada pela USN na região do delta do Rio Mekong no final do ano de 1968 até o fim de 1970.

Primeiro vamos mostrar como surgiu a Doutrina *Brown Water Navy* da USN e qual era o seu propósito. Logo depois, falaremos da Campanha *SEA LORDS*, uma operação ribeirinha mais madura. Mostraremos o seu desenvolvimento, a mudança de postura da USN e a sua importância durante a guerra do Vietnã (1960-1975). Também apresentaremos fatores relevantes como a Base de Apoio Flutuante, que proveria a maior parte das necessidades logísticas da Força Ribeirinha. Os meios navais, como foram utilizados em um ambiente que a USN não estava acostumada em operar e os diversos tipos. A importância do apoio aéreo para suprir algumas necessidades da Flotilha Ribeirinha. A campanha *SEA LORDS* também foi um laboratório de testes para algumas inovações tecnológicas, como o dispositivo de visão noturna. Finalmente, falaremos como foi o preparo dos militares norte-americanos para o combate ribeirinho.

#### **3.1 Breve histórico do início da *Brown Water Navy***

A raiz do problema dos militares norte-americanos, durante a guerra do Vietnã, era a infiltração de suprimentos vindos do Vietnã do Norte para os *Viet Cong*s (VC) localizados no Vietnã do Sul. Inicialmente, a principal via de acesso era o mar. Após as atuações da USN na costa do Vietnã do Sul e nas calhas dos principais rios, o acesso desses suprimentos passou a ser a complexa rede de hidrovias no delta do Rio Mekong (SESSOMS, 2014).

Em janeiro de 1964, o Capitão de Mar e Guerra (CMG) Phillip Bucklew da USN e uma equipe de 18 homens foram enviados a Saigon para estudarem o problema e recomendarem soluções viáveis. Confirmaram que a infiltração era abundante. Recomendaram implementar



bloqueios, toques de recolher, checkpoints e patrulhas regulares focando no tráfico da fronteira do Camboja e no transporte marítimo. No seu relatório, também concluiu que o Exército e a Marinha Vietnamitas eram incapazes de conduzir tal missão. No entanto, para execução dessa missão seria necessário um considerável número de navios da USN, patrulhas aéreas e conselheiros, mais a assistência do Exército e da Marinha Vietnamitas. Seu relatório foi ao conhecimento do *Commander U.S. Military Assistance Command Vietnam* (COMUSMACV), mas não foi colocado em prática até depois da Resolução do Golfo de Tonkin<sup>2</sup> (SESSOMS, 2014).

No momento em que foi decidido se combaterem as infiltrações no delta do Mekong, a USN envolveu-se totalmente na guerra do Vietnã. Liderados pelo *Commander Naval Forces Vietnam* (COMNAVFORV), quatro grandes operações ribeirinhas: *MARKET TIME*, *GAME WARDEN*, *The Mobile Riverine Force* e *SEA LORDS* foram estabelecidas para conter a infiltração e presença dos VC na região. Assim, iniciou-se desenvolvimento da doutrina *Brown Water Navy* e as operações de contrainsurgência (SESSOMS, 2014).

Em setembro de 1968, o Vice-Almirante Elmo R. Zumwalt Jr., que acabara de assumir como COMNAVFORV, foi realizar uma visita de orientação no Navio Capitânia da *Mobile Riverine Force*, o USS *Benewah*. Onde o CMG Robert S. Salzer, Comandante da Força-Tarefa 117, passava um briefing, não apenas um mero resumo das operações, mas um apelo para uma mudança de estratégia. Ele dizia que o conceito de *busca e destruição* que tinha sido empregado pela Força estava perdendo a sua eficácia. As missões eram muito limitadas em seu escopo. Ele sugeriu uma campanha de interdição que prejudicaria mais o inimigo (CUTLER, 1988).

O Almirante Zumwalt era conhecido por sua capacidade inovadora e sua disposição

---

<sup>2</sup> Em 1963 e 1964, o caos político em Saigon, Vietnã do Sul, a falta de segurança no campo e o ataque norte-vietnamita ao Destroyer Maddox no Golfo de Tonkin em agosto de 1964, levaram uma grande intervenção militar dos EUA no Vietnã do Sul em 1965.

em correr um risco calculado. Os briefings que o Almirante Zumwalt recebeu nos quartéis gerais do *Commander in Chief, Pacific* (CINCPAC) e do *Commander in Chief, Pacific Fleet* (CINCPACFLT) no Havaí, descreviam uma Força subutilizada (CUTLER, 1988).

O CMG Rex Rectanus, Chefe da Seção de Inteligência do COMNAVFORV, estava analisando o sistema logístico do inimigo, confirmando o que o relatório de Bucklew havia previsto em 1964 e concluindo que o Camboja havia se tornado o maior depósito de suprimentos do inimigo. Também tinha informado que os suprimentos estavam vindo através da fronteira cambojana e viajando ao longo de uma rede de afluentes navegáveis no delta do Rio Mekong. A operação *Market Time* tinha efetivamente inibido a maior parte da infiltração vindo pelo mar. E a operação *Game Warden* tinha muito bem negado o uso livre dos rios principais para o inimigo. Porém, havia pequenas vias navegáveis através de toda região do delta que o inimigo poderia utilizar (CUTLER, 1988).

O Almirante Zumwalt junto com seu Estado-Maior começou a trabalhar nos detalhes da nova Estratégia, a qual havia nomeada *SEA LORDS, Southeast Asia Lake, Ocean, River, Delta Strategy*. O Almirante começou apontando que a *Brown Water Navy*, o combate em águas marrons, não foi apoiado por uma doutrina estabelecida. Ele dizia que era necessário usar engenhosidade e improvisação, “Você tem que fazer o combate ribeirinho à medida que avança”<sup>3</sup> (1968 citado por CUTLER, 1988, p. 286, tradução nossa), dizia ao seu Estado-Maior. Ele também descreveu a sua crença que a melhor maneira de manter o inimigo em desequilíbrio, era continuar mudando o plano do jogo, acrescentado “você pode se safar com quase com qualquer coisa por uma ou até por duas vezes, mas você deve mudar de estratégia com frequência para evitar que o inimigo o explore”<sup>4</sup> (1968 citado por CUTLER, 1988, p. 286, tradução nossa). O Almirante Zumwalt estava ciente que a USN naquele momento estava no

---

<sup>3</sup> You have to make up riverine warfare as you go along.

<sup>4</sup> You can get away with almost anything once or even twice, but you must change strategies frequently in order to keep the enemy from exploiting you.

auge do Vietnã do Sul. A força de vigilância costeira contava com 81 *Swift Boats* (FIG.2), 24 *Patrol Boat* (WPB) (FIG.3) da *United States Coast Guard* (USCG) e 39 embarcações variadas. A Força de Patrulha Fluvial tinha 258 embarcações e 25 helicópteros. A *Mobile Riverine Force* possuía 184 embarcações de assalto (CUTLER, 1988).

Com a execução da Ofensiva do Tet<sup>5</sup>, no início do ano de 1968, confirmaram as informações do CMG Rectanus. Estava provado que o inimigo ainda estava recebendo apoio logístico significativo pelo delta, apesar dos esforços das operações *Market Time*, *Game Warden* e *Mobile Riverine Force*. Não restava dúvida que as atividades do inimigo estavam muito restritas por causa dos esforços das três operações, mas se não pudesse fechar todas as rotas que vinham do Camboja, a efetividade da Marinha não poderia ser completa. Os suprimentos do inimigo estavam entrando no Vietnã do Sul a oeste de Chau Phu (onde o Rio Bassac cruza o Vietnã a partir do Camboja), através da Planície de Reeds, e na região do Bico do Papagaio (área a oeste de Saigon, onde a fronteira cambojana faz uma profunda penetração no território sul-vietnamita) (CUTLER, 1988).

Outro problema era a existência de várias regiões do delta onde existia pouca ou nenhuma presença aliada. Consequentemente, os VC possuíam um controle virtual. A Floresta U Minh ao longo do sul da costa oeste e a área de Nam Can da Península de Ca Mau eram essas áreas. A única maneira de resolver aquele problema, e simultaneamente alcançar o objetivo estratégico, era de interromper o fluxo de homens e suprimentos do Vietnã do Norte. Era mais uma vez necessário levar a luta para o inimigo (CUTLER, 1988).

Verificamos que na execução das operações ribeirinhas da USN, para combater as atividades dos VC, principalmente o abastecimento de suprimentos, foi necessário utilizar muitos navios, embarcações, tropas e aeronaves. Porém, mesmo com a superioridade numérica

---

<sup>5</sup> Ataque coordenado realizado pelos norte-vietnamitas e VC em várias partes do Vietnã do Sul durante o feriado do Ano Novo Lunar de 1968, chamado de Tet.

de meios, os militares norte-americanos precisavam tomar a iniciativa das ações, não poderiam ficar apenas reagindo contra as ações adversas. Tiveram que atuar dentro do ambiente que não possuíam experiência de combate, ao contrário do inimigo que já lutava daquele tipo de guerra há anos contra os militares franceses. Ainda, eram localidades que o Estado do Vietnã do Sul não possuía nenhuma influência, não conseguia atender as necessidades da população ribeirinha. Deixando aquela população ribeirinha a mercê das vontades dos VC. Mais tarde, os norte-americanos iriam perceber que seria importante conquistar a confiança daquela população.

### **3.2            Desenvolvimento da Campanha *SEA LORDS***

A nova estratégia evoluiu da consolidação de uma série de elementos de cada uma das três operações existentes para criar uma nova. A qual seria usada para formar um bloqueio através dos limites superiores do delta do Mekong estendendo-se para leste até a região do Bico do Papagaio. Aquele bloqueio seria intensivo e fecharia, ou pelo menos prejudicaria severamente, o fluxo de suprimentos vindos do Camboja. As operações *Game Warden* e *Market Time* continuariam suas respectivas missões, mas a operação *Market Time* seria reduzida, a fim de permitir que algumas de suas embarcações subissem os rios para realizar patrulhas, o que por sua vez liberaria um número considerável de *Patrol Boat, River* (PBR) (FIG.4) para as novas missões que estavam sendo planejadas. A operação *Mobile Riverine Force* estava gradualmente encerrando as suas missões devido aos preparativos de transferência de meios para os vietnamitas. Dessa forma, partes significativas dos seus meios poderiam ser utilizados para campanha *SEA LORDS* (CUTLER, 1988).

A nova tarefa dos *Patrol Craft, Fast* (PCF) e WPB da operação *Market Time* era atacar e correr nos rios e canais em território mantido pelos VC. O CMG Roy Hoffman, comandante da Força-Tarefa 115, já tinha estabelecido o precedente, enviando algumas de suas embarcações em missões dessa natureza. Na Península de Ca Mau, 3 PCF tinham subido 7

milhas até o Rio Ong Doc e, em seguida descendo 4 milhas em um canal de conexão a fortaleza conhecida como Lago VC. Com esta tática os *Swifts* destruíram mais de cem estruturas de base e dezenas de sampans<sup>6</sup>. Devido à postura agressiva do Almirante Zumwalt, manteve o inimigo em desequilíbrio. Desse modo, não permitindo a sensação de segurança que certas regiões proporcionavam aos opositores. Por causa de sua grande compreensão sobre a situação no delta e suas sugestões de mudança na estratégia das ações da USN, o Almirante Zumwalt designou o CMG Salzer como comandante da campanha *SEA LORDS*, atribuindo a ele a tarefa de desenvolver os seus detalhes. A campanha *SEA LORDS* foi oficialmente iniciada com a emissão do Plano de Operação 111-69 em 5 de novembro de 1968 (CUTLER, 1988).

Dois canais paralelos foram utilizados como um bloqueio duplo e iniciaram a campanha de interdição da campanha *SEA LORDS*, o Rach Gia di Long Xuyen e o Cai San. As operações iniciais chamadas de *Search Turn*, começaram em 2 de novembro de 1968. Os suprimentos do inimigo estavam chegando por Sihanoukville, descendo até a costa do Golfo do Sião (Tailândia), aproximadamente de 10 a 20 milhas para o interior através das redes de canais. A USN possuía uma base na cidade de Rach Gia, mas não possuía nenhum controle mais ao norte. As intenções do CMG Salzer eram de sondar ou realizar ataques nas redes de canais, a fim de estabelecer postos avançados para o Norte. A fase de assalto da operação, começou com um ataque de cinco dias contra as posições inimigas ao longo da hidrovia, usando as embarcações da *Mobile Riverine Force* e tropas terrestres. Foram apreendidas uma quantidade considerável de armas e munições, dando credibilidade à suposição que aquela área estava sendo usada para infiltração. Durante a ação 21 soldados inimigos foram mortos. Após a fase de assalto, foram estabelecidas as patrulhas ribeirinhas ao longo dos canais principais e foram estendidas em muitas vias navegáveis menores (CUTLER, 1988).

Observamos nos primeiros momentos da campanha *SEA LORDS*, que a postura da

---

<sup>6</sup> Típica embarcação miúda do leste da Ásia.

USN se tornou mais agressiva, contribuindo para a conquista de territórios que estavam sob controle do inimigo por muito tempo. Mas para se aproximar dos seus objetivos, a USN precisava se aproximar ainda mais da fronteira cambojana, a fim de realmente prejudicar o reabastecimento dos insurgentes.

Os primeiros retornos da operação *Search Turn* não foram espetaculares. De fato, os suprimentos ainda estavam percorrendo a área. Para que a interdição tivesse sucesso seria necessário estendê-la do delta até a região do Bico de Papagaio. Enquanto os planos estavam sendo reformulados para essa extensão, uma ocorrência espontânea causou uma mudança na estratégia (CUTLER, 1988).

Em 14 de outubro de 1968, o Capitão-Tenente Michael Bernique, oficial encarregado de um dos PFC do *Market Time*, estava com sua embarcação em Ha Tien, no Golfo da Tailândia, muito próximo da fronteira cambojana. Alguns vietnamitas amigáveis contaram que os VC tinham estabelecido uma estação de arrecadação de impostos, a alguns quilômetros acima do Rach Giang Thanh. Era um pequeno rio que se encontrava fora dos limites declarados das patrulhas navais da USN. Bernique decidiu violar a proibição, aproximando-se da politicamente sensível fronteira cambojana. Pouco tempo depois a PCF de Bernique encontrou um grupo de VC operando abertamente uma estação de recolhimento de impostos (CUTLER, 1988).

Os soldados inimigos ficaram tão assustados com a presença do Navio Patrulha norte-americano que inicialmente foram incapazes de reagir. Bernique rapidamente tomou a iniciativa. Durante o confronto, três VC morreram enquanto os outros fugiram. Na fuga, os VC abandonaram armas, munição, suprimentos e documentos, os quais foram confiscados. Os militares da USN retiraram-se do local com os equipamentos e documentos para iniciar um tipo diferente de batalha (CUTLER, 1988).

Por conseguinte, o Almirante Zumwalt decidiu realizar uma segunda incursão no

riacho Rach Giang Thanh; mas, dessa vez, seria uma operação planejada e testaria a viabilidade das forças da USN navegando por todo canal Rach Giang Thanh até o canal adjacente Vinh Te. Se a incursão tivesse sucesso, permitiria às missões da *Search Turn* estabelecer um segundo bloqueio em direção ao norte, de Ha Tien até Chao Due. Com o segundo bloqueio, aumentaria o controle aliado e impediria as operações logísticas inimigas, ficando mais próxima da fronteira do Camboja (CUTLER, 1988).

Na manhã de 16 de novembro 1968, 3 PCF e uma equipe de 2 helicópteros Seawolf (FIG.5) começaram a operação. Suas ordens eram entrar no canal Rach Giang Thanh em Ha Tien, depois subir o rio (direção nordeste) até a junção do Canal Vinh Te e segui-lo (leste, depois nordeste) para cidade de Chau Due, na margem oeste do Rio Bassac. O percurso os manteria a uma milha da fronteira cambojana por toda sua extensão. Eles passaram por aldeias dispersas e de lealdade questionável, atravessaram por rotas de abastecimento inimigo, muito bem conhecidas e por outras muito suspeitas. Sua missão era atacar forças inimigas na área, interromper linhas inimigas de abastecimento, procurar por embarcações suspeitas e realizar um reconhecimento militar da área (CUTLER, 1988).

No início da viagem, o Grupo-Tarefa foi informado por moradores locais que os VC tinham estabelecido dois postos de cobrança de impostos em pontos mais acima do rio. Em menos de meia hora, os PCF aproximaram do primeiro ponto descrito pelos moradores. Como informado, foi avistado um grupo de homens armados, então foi realizado o confronto. No segundo local ocorreu a mesma situação. Em ambos os casos, os soldados inimigos foram expulsos (CUTLER, 1988).

Devido aos excelentes resultados da incursão, O COMUSMACV concordou com o COMNAVFORV que o bloqueio deveria ser estabelecido e mantido. A operação foi nomeada pela primeira vez de *Foul Deck*. Quando a *Vietnamese Navy* (VNN) se tornou mais significativa, o bloqueio passou a ser o segundo mais ativo em termos de contato com inimigo, em

comparação com os quatro estabelecidos pela campanha *SEA LORDS*. Mantido por uma combinação de PCF, PBR e *Assault Support Patrol Boat (ASPB)*, a operação manteve a presença naval em todas vias navegáveis, exceto em dois meses do ano devido ao período de seca, quando o nível das águas abaixava e não permitia a navegação das embarcações. Grandes capturas de contrabando inimigo, alto número de baixas do inimigo, deserções e capturas, a elevação das tentativas de minagem e emboscadas realizadas pelas forças inimigas, foram fortes indícios do sucesso da operação de bloqueio. As informações de inteligência coletadas de desertores e prisioneiros apoiaram a análise que a infiltração inimiga nunca foi interrompida completamente. Porém ficou seriamente prejudicada (CUTLER, 1988).

Após o estabelecimento da operação *Foul Deck*, a USN notou que para diminuir a infiltração, teria que diminuir as áreas de atuação do inimigo; não permitindo a ele usufruir de liberdade de ação no Vietnã do Sul. Então, era necessário estender a área do bloqueio até a região conhecida como Bico do Papagaio. Também percebemos as características do ambiente ribeirinho interferindo no planejamento das operações, em que, em um período de dois meses, as embarcações eram impossibilitadas de navegar devido ao período de seca.

A região do Bico do Papagaio era uma área ideal para infiltração de forças inimigas, ficava a uma distância de 25 milhas da capital Saigon. Os planejadores da USN observaram que possuíam seu próprio ativo geográfico na região. O Rio Vam Co, que flui ao sul de Saigon, juntando-se ao Rio Soi Rap na Zona Especial de Rung Sat é alimentado por dois afluentes, o Vam Co Tay (oeste) e o Vam Co Dong (leste). Esses dois afluentes, ambos navegáveis por navios patrulhas, formam um “V” que cerca a região do Bico do Papagaio. Dessa forma era natural montar um bloqueio usando os rios Vam Co Tay e Vam Co Dong, de modo a conter as ações inimigas no interior da região do Bico do Papagaio. Quando visto em um mapa, os dois afluentes e o rio principal juntos possuem a forma muito parecida de um estilingue, por isso essa operação de bloqueio foi chamada de *Giant Slingshot* (CUTLER, 1988).



No início de dezembro de 1968, a organização da campanha *SEA LORDS* foi formalmente designada como Força-Tarefa 194 e a operação *Giant Slingshot* como Grupo-Tarefa 194.9. O CMG Arthur W. Price Jr foi o Comandante do Grupo-Tarefa 194.9 e encarregado da operação *Giant Slingshot* (CUTLER, 1988).

Novamente as características do ambiente ribeirinho interferindo no planejamento das operações. Naquele momento, a USN percebeu que poderia utilizar esse fator a seu favor, a fim de estabelecer uma outra operação de bloqueio na região do Bico do Papagaio, a oeste de Saigon, desse modo, favorecendo uma melhor proteção para a capital do Vietnã do Sul.

O CMG Price separou três Divisões de PBR (de dez embarcações cada) das forças de *Game Warden* para servir na campanha de *Giant Slingshot*. A operação também recebeu uma Divisão de Assalto ao Rio, um *Repair and Maintenance Barge* (YRBM) e um *Light Repair Ship* (ARL) da *Mobile Riverine Force*, um *Landing Ship, Tank* (LST) foi prometido também (CUTLER, 1988).

O número total de combates para essa operação foi mais do que o dobro de todas as outras operações juntas. Mais de 1.000 tiroteios ocorreram durante 515 dias de operação, a uma média de dois por dia. Tal atividade de combate pesado provou que o inimigo estava na área e considerava a interdição naval uma ameaça à suas atividades. Essa operação eliminou qualquer dúvida de que o inimigo estava usando o Camboja como área de preparação logística e a região do Bico de Papagaio como ponto de entrada. Foram descobertos 266 esconderijos de suprimentos, totalizando quase 150 toneladas de munição e aproximadamente 400 toneladas de outros suprimentos de guerra (CUTLER, 1988).

Em menos de um mês de operação, mais duas Divisões Fluviais de PBR foram adicionadas, elevando o total para cinco. À medida que outros meios se tornaram disponíveis

para a VNN pela Vietnamização<sup>7</sup>, mais embarcações e pessoal se juntaram a “*Giant Slingshot*”. Essa alta proporção de navios para área de operações levou ao uso e ao desenvolvimento de uma tática noturna que tinha sido utilizada em menor grau pelas forças de “*Game Wardeen*”. Começou como a *waterborne ambush*, emboscada aquática, e, à medida que a postura da guerra tomava um olhar mais defensivo, eventualmente, foi mudada eufemisticamente para *waterborne guard post*, posto de guarda aquático. A tática dependia de furtividade em vez de velocidade, e era notavelmente eficaz. Efetivamente usou a arma do inimigo contra ele mesmo, utilizando o que havia sido sua tática principal no combate ribeirinho. Em vez de patrulhar ruidosamente as vias navegáveis como as forças de *Game Warden* tinham realizado, os navios se esconderiam nas margens do rio e esperariam o inimigo chegar até a eles. Os afluentes do Vam Co eram adequados para essa tática por causa da folhagem pesada ao longo de suas margens. O grande número de embarcações permitiu uma distribuição bastante densa de *waterborne guard posts* ao longo das vias navegáveis. O alto nível de atividade inimiga garantiu contato frequente. Várias táticas foram empregadas para implementar secretamente os *waterborne guard posts* (CUTLER,1988)

Os *waterborne guard posts* renderam excelentes resultados. Fontes de inteligência indicaram que, com essa tática, o medo do inimigo aumentou tornando-os mais cautelosos, atrasando consideravelmente as ações inimigas (CUTLER, 1988).

Podemos verificar uma mudança na postura tática da USN, pois, na floresta, os VC podiam escutar o barulho dos motores dos navios e embarcações a uma distância considerável, o que proporcionava a eles um alarme das ações da USN. Desse modo, a USN passou a realizar operações de emboscadas e de vigilância, em que poderia aproveitar as características da vegetação das margens dos rios, a qual proporcionava uma excelente camuflagem.

---

<sup>7</sup> Política norte-americana de retirada de tropas da guerra e transferência de grande parte dos seus meios para as Forças Armadas do Vietnã do Sul.

Uma extrapolação dos *waterborne guard posts* foi a tática nomeada *Bushwhack Ops*, que começou em maio de 1969. Um pelotão de soldados do Exército dos EUA seria dividido e transportado em dois navios para área designada, onde desembarcariam e se moveriam 200 jardas para o interior. Lá eles armariam uma emboscada para as tropas inimigas que passavam. Essa implantação aumentava probabilidade de contato com o inimigo, aumentava o poder de fogo em modo geral e aumentava a flexibilidade da emboscada. Deram aos navios a possibilidade de um alarme antecipado da aproximação do inimigo. Foi uma relação simbiótica entre o pessoal da Marinha e do Exército, resultando em um aumento substancial de contatos e mortes (CUTLER, 1988).

Com o aperfeiçoamento das operações de emboscada, em que a participação dos soldados do Exército dos EUA ocupando pontos importantes nas margens dos rios foi primordial para o sucesso desse tipo de missão; desse modo, provando que para obter o controle das hidrovias é fundamental também ter o controle de porções terrestres de suas margens adjacentes e vice-versa.

A quarta operação de bloqueio na área superior do delta do Mekong foi formada em janeiro de 1969, com início da operação *Barrier Reef*. Essa última barreira passou de TuyenNhom no Rio Vam Co Tay até An Long na parte superior do Mekong através dos canais La Grange, Ong Lon e Dong Tien. Cortando através da Planície de Reeds, conectou as barreiras gêmeas no Oeste, *Foul Deck* e *Search Turn*, com a barreira da região do Bico do Papagaio no Leste, *Giant Slingshot* completando uma contínua barreira hidroviária que se estendia da cidade de Tay Ninh, a noroeste de Saigon, até Ha Tien e Rach Gia no Golfo da Tailândia (CUTLER, 1988).

O terreno aberto da Planície de Reeds tornou as infiltrações através dessa área arriscadas para o inimigo. Uma vez detectado, tinham dificuldades de se retirarem por causa da falta de cobertura e do longo trecho (de 6 a 21 milhas) entre o bloqueio e a fronteira cambojana.

Dessa forma, após as incursões iniciais, o inimigo recuou um pouco, os contatos eram menos frequentes. Apesar das atividades mais leves, a *Barrier Reef* teve que ser mantida para garantir a integridade de todas as barreiras. A Operação continuou até o verão de 1970 e foi gradualmente assumida pela VNN (CUTLER, 1988).

Observamos, que mesmo com pouca atividade inimiga, a operação de bloqueio *Barrier Reef* era fundamental para atingir o objetivo da USN, que era acabar ou reduzir ao mínimo possível o reabastecimento de suprimentos para os insurgentes. Assim, foi a última peça que estava faltando para completar o bloqueio ao fluxo de apoio logístico do inimigo.

### **3.3 Base Naval de Apoio Flutuante**

Nove flutuantes foram reunidos e formaram o *Sea Float* (FIG.6), à base de apoio naval em Saigon. Instalações para 150 homens foram construídas sobre eles. Alguns dos flutuantes foram fornecidos com vigas de aço aéreas que suportam revestimento de aço, estavam cobertos com sacos de areia. Foram projetados para fornecer proteção contra morteiros, foram apelidados de *turtle ammis*. Geradores a diesel foram adicionados para fornecer energia, os espaços vazios dos flutuantes foram convertidos para tanques de armazenamento de combustível e água. Depósitos de munições e armamentos, enfermaria, e um centro de operações foram fornecidos, além de, instalações de recreação e refeitórios para 700 homens também construídos (CUTLER, 1988).

Em junho de 1969, todo o complexo foi rebocado por três *Landing Ship, Dock* (LSD) e transportado para boca do Rio Bo De. O *Sea Float* foi rebocado até o Rio Bo De, depois para o Rio Cua Lon e finalmente fundearam o complexo nas proximidades da cidade de Nam Can. Essa área foi escolhida por razões psicológicas e políticas. Nam Can tinha sido uma cidade próspera com uma população de quatro mil habitantes, antes da Ofensiva do Tet em 1968. Naquele período os VC tinham tomado a cidade. A maioria dos moradores tinham

fugidos. Subsequentes batalhas tinham destruído a cidade. A dominação contínua do inimigo da área impediu a reconstrução. O *Sea Float* foi enviado para assumir o controle tático e mostrar para a população local que os VC não estavam mais no comando. O local era ideal, pois era acessível tanto do Golfo da Tailândia quanto do Mar do Sul da China através dos Rios Cua Lon e Bo De, respectivamente, possibilitando que os navios patrulhas de ambas as áreas pudessem chegar ao *Sea Float* para fornecer suporte. Também facilitava o tráfego dos navios patrulhas, pois poderiam navegar do golfo para o mar por essa hidrovia, em vez de contornar a Península de Ca Mau, o qual era mais longa e árdua (CUTLER, 1988).

A defesa do *Sea Float* era composta por quatro morteiros de 81 mm, seis metralhadoras de calibre ponto 50, dez metralhadoras M-60 e numerosas armas de porte pequeno. Ademais, as embarcações da USN e da VNN possuíam vários armamentos e as aeronaves *Seawolf* e *Black Ponies* também estavam disponíveis. A corrente na área de intensidade de até oito nós, serviu como uma defesa natural contra nadadores inimigos. Os sensores eletrônicos colocados nas margens do rio alertavam sobre aproximação dos soldados inimigos (CUTLER, 1988).

As ações militares foram complementadas por operações psicológicas, como transmissão de mensagens por navios e helicópteros, envio de equipes para prover assistência médica e odontológica para os moradores, a criação de uma oficina para reparar sampans e uma instalação de afiação de machados (o corte de madeira era uma ocupação primária) a bordo do complexo Sea Float, mais a construção e equipagem de escolas em vários vilarejos próximos (CUTLER, 1988).

Com o passar do tempo, outros indicadores mostravam o aparente sucesso das operações militares e psicológicas combinadas do *Sea Float*. Começaram aparecer nas embarcações e vilarejos as bandeiras sul-vietnamitas. Cada vez mais pessoas locais visitaram o complexo para utilizar as instalações e facilidades, em troca avisavam sobre os movimentos

iminentes de VC, ataques e emboscadas. O tráfego aquaviário cresceu e o comércio com outras regiões foi restaurado. Novos vilarejos foram gerados e cresceram rapidamente (CUTLER, 1988).

Durante a Operação *Giant Slinhshot*, O CMG Price decidiu montar sua Base de Operações em Tan An. Percebendo que seus navios estariam navegando mais de 50 milhas acima de cada afluente, Vam Co Tay e Vam Co Dong. Ele decidiu estabelecer pequenos acampamentos base rio acima, apelidados de *Advanced Tactical Support Bases* (ATSB) (FIG.10) (CUTLER, 1988).

Concluimos, que além de ser o principal local de apoio logístico das tropas e meios norte-americanos, o *Sea Float* também foi uma das principais fontes de informações de inteligência, promovendo a conquista da confiança da população com a realização de diversas ações psicossociais, foi muito importante para conseguir informações preciosas sobre o inimigo e contribuindo para aumentar credibilidade do governo sul-vietnamita.

### **3.4 A Flotilha no Delta do Mekong**

Os meios navais da Força Ribeirinha da USN, que foram utilizados nos rios e canais na região do Delta do Mekong, possuem algumas similaridades com os meios das Esquadras oceânicas (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Servindo como Navio Capitânia era o *Command and Cominucations Boat* (CCB). Possuía 70 toneladas de deslocamento, 18 metros de comprimento e motores diesel. Era equipado com muitas antenas e rádios, VRC-46 e PRC-25. O CCB possuía os seguintes armamentos: uma torreta com um canhão de 40 mm e duas metralhadoras de calibre ponto 50, uma metralhadora de 20 mm e duas metralhadoras M-60 (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Os navios escoltas e navios varredores de minas da Flotilha de águas marrons eram

os *Armored Support Patrol Boat* (ASPB) (FIG.7). Normalmente eram chamados de *alpha boat*. Era única embarcação especificamente projetada para operações fluviais. Adaptado do STCAN/FOM francês (FIG.8), o navio tinha 15 metros de comprimento, deslocava 28 toneladas e possuía um calado de 1,14 metros e dois motores diesel que permitiam que o ASPB alcançasse 15 nós de velocidade. Esse navio era do escalão avançado, vigiando os prováveis locais de emboscadas dos VC, e, realizando varredura de minas com seu equipamento de bordo. O ASPB operava com uma metralhadora de 20 mm, uma metralhadora de calibre ponto 50, vários lançadores de granadas de 40 mm e um morteiro de 81 mm. A proteção insuficiente da blindagem e a tendência de embarcar água e afundar em águas muito agitadas, inicialmente causaram várias baixas, contudo, melhorias estruturais resolveram esses problemas (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Os navios anfíbios e de transporte de tropas da Força Ribeirinha eram os *Armored Troop Carrier* (ATC) (FIG.9). Em cada um embarcava um pelotão da 9ª Divisão de Infantaria do Exército. Chamado de *tango boat*, o ATC tinha 17 metros de comprimento, calado de 1,06 metros e deslocava 66 toneladas. O navio possuía uma metralhadora de 20mm e mais uma variedade de outros tipos de metralhadoras. Os ATC poderiam ser reconfigurados para atuarem como navios tanques e para assistências médicas com convoos, dessa forma realizando evacuações aeromédicas. Também foram modificados para realizar outra tarefa, destruir fortificações inimigas nas margens dos rios que demonstraram ser imunes aos projetis. Foram montados com lança-chamas, sendo chamados de *Zippo boats* (FIG.11), ou eram instalados canhões d'água de alta potência, sendo chamados de *douche boats* (FIG.12) (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

O *Fast Patrol Craft* (PCF) ou *Swift Boat* serviu como um dos principais meios da USN durante a campanha *SEA LORDS*. A embarcação era usada por empresas de perfuração de petróleo offshore em suas plataformas no Golfo do México (MAROLDA; DUNNAVENTE,

2015).

A USN se interessou pela embarcação para as operações no Vietnã, pois possuía um calado pequeno, era capaz de desenvolver altas velocidades, podia operar em mares moderados e o mais importante, estava em produção. As embarcações já possuíam um histórico operacional. A CIA as tinha utilizada em ações clandestinas na costa do Vietnã do Norte. Em 1965, quando o ritmo das operações aumentou, a USN tinha solicitado um pedido de 100 unidades para combater a infiltração marítima inimiga. O PFC Mark-I possuía o casco de alumínio com 15 metros de comprimento, quatro metros de boca, 1,7 metros de calado e um deslocamento de 22 toneladas, além de dois motores diesel de 475 Hp. Dessa forma, proporcionando ao Swift Boat uma velocidade máxima de 25 nós (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

O armamento letal do PFC incluía uma torreta dupla de metralhadoras de calibre ponto 50, posicionada em cima do passadiço e uma metralhadora de calibre ponto 50 montada em cima de um morteiro de 81 mm posicionada na popa (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

O *Patrol Boat, River* (PBR) possuía duas versões, *Mark I* e *Mark II*. O material do casco do PBR MK-I de 31 pés era de fibra de vidro. Diferente de outros materiais, quando atingido por projétil e granadas propulsionadas por foguetes, a fibra de vidro não dispersa estilhaços mortais que matam ou ferem os tripulantes de outras embarcações. O MK-1 possuía um deslocamento de 7,3 toneladas e 66 cm de calado quando operava em baixas velocidades. Duas bombas de jato de água, localizadas abaixo da linha d'água e alimentadas por dois motores diesel de 220 Hp, propulsionavam e manobravam o MK-I. Aquele maquinário permitiu o PBR MK-1 atingir velocidades médias um pouco mais de 20 nós. Especialmente manobrável e com grande capacidade de resposta em alta velocidade. A embarcação poderia parar ou virar completamente em seu comprimento (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).



O PBR foi equipado com um radar de superfície *Raytheon Pathfinder* e dois rádios AN/VRC-46. Seu armamento era composto por uma torreta dupla de metralhadoras de calibre ponto 50 na proa, uma metralhadora também de calibre ponto 50 na popa, a meio navio uma metralhadora M-60 a bombordo e um lançador de granadas de 40 mm a boreste. Placas blindadas protegiam o passadiço e o compartimento dos motores. Um dossel de supressão de fragmentos de nylon balístico cobria o passadiço para proteção de estilhaços, quando a cúpula do radar era atingida (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

O MK-II possuía o mesmo armamento do MK-I, mas era um pouco maior em forma e comprimento e apresentava uma silhueta mais baixa. Os fabricantes realizaram mudanças significativas no MK-II, adicionando na borda da embarcação alumínio para proteger mais o casco, quando sampans vinham a contra bordo para inspeção. As bombas de jato d'água aperfeiçoadas reduziram as incrustações. Os motores atualizados reduziram o ruído, um fator crítico durante as patrulhas. Os MK-II de 32 pés podiam atingir velocidades de 30 nós (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Percebemos, nos primeiros momentos das operações da USN no delta do Mekong, por não possuir uma doutrina de operações ribeirinhas consistente, a USN criou e adaptou navios que tivessem funções semelhantes dos navios da esquadra de águas azuis. Somente após tentativas e erros e de algumas ações reais, que foram criados, adaptados e aperfeiçoados meios específicos para atuarem no ambiente ribeirinho.

### **3.5 Suporte Aéreo**

O Estado-Maior das Forças Navais no Vietnã quando estava desenvolvendo a campanha *SEA LORDS* perceberam que os meios navais necessitavam de recursos adicionais para o apoio aéreo, a fim de executar as operações de patrulha, de bloqueio na fronteira cambojana e de penetração em áreas sob o domínio inimigo fortemente protegidas

(MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Os helicópteros de ataque da USN não podiam operar por longos períodos em patrulha. A USN encontrou uma solução, complementando 3º Esquadrão de Helicópteros de Ataque com um Esquadrão de aeronaves de asa fixa capazes de transportar 1.088 Kg de munição de artilharia, permanecendo em patrulha por duas a três horas e podendo voar a 200 nós, e desse modo, chegando o mais rápido possível a um local onde os meios navais estejam sob intenso fogo inimigo. Para desempenhar esse papel, o 4º Esquadrão de Ataque Leve foi destacado em abril de 1969 da Estação Aeronaval, North Island, Califórnia, para o Delta do Mekong em Binh Thuy e Vung Tau ao sul de Saigon. Os aviadores navais, que chamavam o seu esquadrão de *Black Ponies*, trouxeram 14 OV-10ª Bronco (FIG.13), aeronaves de asa fixa, bimotor movidos a hélices (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Os aviões carregavam um poderoso arsenal: seis tambores giratórios da mini metralhadora tipo *Gatling* com cadência de 6.000 projetis por minuto de calibre 7.62, foguetes *Zuni* de cinco polegadas, que permitiram os aviões a capacidade de destruir complexos de túneis e bunkers, neutralizar formações de tropas inimigas em contato próximo com tropas terrestres aliadas. As metralhadoras 20 mm podiam disparar 400 projetis por minuto. Para complementar o poder de fogo, havia as metralhadoras M-60 e foguetes de 2,75 polegadas (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Uma equipe de apoio de fogo leve era composta de dois Broncos, que poderiam sair de Binh Thuy e num período de 25 minutos chegar a qualquer parte do delta do Mekong, de modo a fornecer apoio aéreo. Havia outras missões como sobrevoar território inimigo para encontrar alvos de oportunidade e realizar apoio direto às patrulhas fluviais. A capacidade do OV-10ª de operar em condições meteorológicas ruins e à noite, resultaram que mais de 60% de suas missões ocorreram no período noturno (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

### **3.6 Inovação Tecnológica para o Combate Ribeirinho**

Durante a guerra do Vietnã, a pesquisa e desenvolvimento desempenharam um papel significativo. Invenções como equipamentos de visão noturna, o lançador de granadas M-79, navios de transporte de tropas blindados e equipados com convés de vôo foram inovações importantes para as operações de combate. A Operação *Giant Slingshot* foi palco para testes e implementação de uma série de inovações (CUTLER, 1988).

Em 1968, foram desenvolvidos e operacionalizados na área de *Giant Slingshot* dispositivos de detecção eletrônica remota. Eram colocados em áreas onde suspeitavam de concentração ou movimentação inimiga, onde detectariam os movimentos em um determinado raio de ação, permitindo alertar as tropas para responder da forma mais adequada (CUTLER, 1988).

Também foi usado dispositivo remoto de detecção subaquática, um hidrofone portátil com fio, de comprimento de uma milha (1,6 Km). Uma nova metralhadora também foi testada, em vez de utilizar a munição de calibre ponto 50 passou a ser calibre ponto 30, desse modo aumentou a cobertura e diminuiu o raio de ação. Uma importante consideração, as forças inimigas estavam operando próximas de vilarejos amigos. Outro dispositivo usou sinal de radar especial para detectar contrabando de metal que estava sendo transportado em embarcações, o *Duval Detector* foi projetado para detectar fundos falsos em barcos (CUTLER, 1988).

O *Project Douche* introduziu o *Douche Boat*, um ATC com duas bombas de alta pressão instaladas para canhões de água. Eram capazes de pressurizar a água até 3.000 psi. O objetivo era destruir os bunkers inimigos. Os canhões d'água eram capazes de desintegrar cimento (CUTLER, 1988).

### **3.7 O Treinamento para as Operações Ribeirinhas**

A preparação para batalha nos rios e canais do Vietnã desafiou os estabelecimentos

de treinamento dos militares dos EUA. As Forças Armadas norte-americanas tinham uma longa história de luta para estabelecer o controle das águas interiores, mas a maior parte desse conhecimento estava atrofiado. Havia pouco conhecimento de doutrina para o combate ribeirinho. Maior parte do trabalho de preparar as forças para guerra era realizada na base de tentativa e erro e na experiência adquirida pelas operações reais (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Inicialmente, o trabalho de treinar os marinheiros da USN e da USCG para os serviços nas águas interiores do Vietnã do Sul, ficou sob a responsabilidade do *Amphibious Training Command* na *Naval Amphibious Base*, no Coronado. Muitos conselheiros navais e comandos SEAL<sup>8</sup> que serviram no Vietnã do Sul durante o início dos anos de 1960, retornaram ao país como instrutores, a fim de passarem os seus preciosos conhecimentos. O treinamento em Coronado incluía o manuseio de armas de pequeno porte e dos armamentos fixos das embarcações, procedimentos de comunicação por rádio, sinalização visual e outros assuntos semelhantes. Além do mais, havia os treinamentos de *Survival, Evasion, Resistance and Escape* (SERE), os quais eram considerados os piores e mais duros treinamentos. Porém, o rigor do treinamento ajudou a preparar os marinheiros da USN e da USCG para severidade do serviço no Vietnã (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Apesar de ter o conhecimento que 9ª Divisão de Infantaria do Exército iria operar com unidades navais no delta do Mekong, o Coronel William B. Fultom inicialmente não enfatizou a interação entre Exército e Marinha, uma vez que o conhecimento sobre operações ribeirinhas era muito vago. O programa de treinamento enfatizava as habilidades básicas de combate terrestre e de infantaria. Entretanto, foram enviados, para Coronado, oficiais do Exército que estavam designados para comandar ou iam compor o Estado-Maior das principais

---

<sup>8</sup> Equipe de elite da USN para Operações Especiais.

unidades terrestres. Os instrutores ensinaram para os soldados operações e técnicas navais em um curso de dez dias (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Em março de 1966, no propósito de facilitar o treinamento em um ambiente mais próximo do que seria encontrado no Vietnã do Sul, a USN transferiu o programa de treinamento de Coronado para Ilha Mare, no Delta do Rio Sacramento, na Califórnia. Em 30 de janeiro de 1967, foi criado o *Naval Inshore Operations Training Center* (NIOTC). Durante as 11 semanas de instrução, o treinamento era focado em dois aspectos do combate ribeirinho: patrulha fluvial e assalto fluvial. Em ambos segmentos foram incluídas instruções de contra insurgência, doutrina VC, operações de pequenas embarcações, manuseio de armas, táticas de assalto e treinamento SERE. Os marinheiros destinados para Força Ribeirinha também receberam treinamento de operações conjuntas e de combate terrestre do Exército. Com o objetivo de preparar mais militares para operações conjuntas, oficiais Fuzileiros Navais e da Força Aérea complementaram a equipe do NIOTC (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Como pretendido pelos comandantes, o treinamento no ambiente operacional tornou-se prioridade. Quando os militares chegaram no Vietnã do Sul em janeiro de 1967, as unidades do Exército realizaram o seu treinamento na Base de *Bear Cat* a sudeste de Saigon, enquanto o contingente da USN treinava no *Whitfiel County* (LST-1169) no fundeadouro de Vung Tau. O treinamento foi interrompido quando forças VC atacaram um navio mercante nas proximidades do Rio LongTau (MAROLDA; DUNNAVENTE, 2015).

Em razão disso, concluímos que a criação de um centro treinamento de operações ribeirinhas foi fundamental para criação de uma doutrina específica para aquele tipo de combate, em que militares eram treinados em um local com características muito próximas da área de ação. Também, eram treinados para operações e táticas navais e terrestres. Assim, todos sabiam as funções e tarefas de todos componentes, contribuindo para que as operações fossem realizadas de forma harmoniosa e integrada.

#### **4 COMPARAÇÃO DO MANUAL MILITAR COM A REALIDADE**

No capítulo 2, estudamos o Manual de Operações Ribeirinhas, do Ministério da Defesa, 1981, em que se estabelecem as bases doutrinárias do planejamento, execução e relação das Forças Singulares durante as operações ribeirinhas. Focamos nos seguintes aspectos: Objetivos, Ações e Desenvolvimento das Operações; a Base de Combate Ribeirinha; os Meios Fluviais; o Apoio de Fogo; o Apoio Aéreo; o Apoio Logístico/ Administrativo; e o Aprestamento da Força Ribeirinha.

No capítulo 3, verificamos o surgimento e o desenvolvimento da Campanha *SEA LORDS* da USN, na região do Delta do Mekong. Observamos as principais missões, o desenvolvimento das bases de apoio e as suas facilidades, a operação dos meios navais no ambiente ribeirinho, o suporte aéreo para atender algumas necessidades da força, as inovações tecnológicas e o treinamento dos militares para o combate ribeirinho.

Neste momento, vamos verificar as similaridades e os aspectos divergentes do Manual de Operações Ribeirinhas com a campanha *SEA LORDS*.

##### **4.1 Aspectos semelhantes entre o Manual e a Realidade**

Em primeiro lugar, podemos afirmar que a campanha *SEA LORDS* de acordo com o Manual de Operações Ribeirinhas, do Ministério da Defesa, é uma operação ribeirinha conjunta, pois foram realizadas por parcelas consideráveis da USN e do Exército dos EUA, 9ª Divisão de Infantaria. As missões foram realizadas em um ambiente ribeirinho, os rios e canais da região do delta do Mekong até a região do Bico do Papagaio.

Um aspecto que o manual abordou e podemos observar na operação, é como as características e condições do ambiente ribeirinho podem afetar na mobilidade dos meios navais. Observamos esse aspecto na operação *Foul Deck*. Mesmo com a combinação de diversos meios navais de PCF, PBR e ASPB, essas embarcações não conseguiam navegar por dois meses no canal de Rach Giang Thanh, devido ao período de seca.

Quanto às ações e operações ribeirinhas descritas no Manual podemos verificar vários exemplos na campanha *SEA LORDS*. Durante a operação *Search Turn*, o CMG Salzer tinha intenções de estabelecer postos mais avançados ao norte, próximo da fronteira do Camboja. Mas para realizar essa tarefa, precisava coletar informações do inimigo. Necessitava realizar operações de esclarecimento e de reconhecimento. Foi o que aconteceu quando o Capitão-Tenente Bernique adentrou o canal de Rach Giang Thanh. De posse das informações, o Almirante Zumwalt decidiu realizar um Assalto Ribeirinho, a fim de conquistar áreas que estavam sob domínio dos VC. Também podemos citar as quatro operações de bloqueio fluvial: *Search Turn*, *Foul Deck*, *Giant Slingshot* e *Barrier Reef* (FIG.1), as quais contribuíram com o propósito principal da campanha *SEA LORDS*, impedir que os norte-vietnamitas utilizassem os rios e canais da região do delta até o Bico do Papagaio, para abastecer de suprimentos os VC no Vietnã do Sul. Naquela área foram realizadas diversas patrulhas e vigilâncias fluviais. De modo a identificar e localizar atividade inimiga. Verificamos na tática *waterborne guard post*, em que os navios ficavam camuflados nas margens aguardando qualquer atividade inimiga, ação típica de vigilância. Também notamos as emboscadas que, de acordo com a definição do Manual, são tarefas com objetivo específico de destruir o inimigo, observados na tática noturna *waterborne ambush* e depois nas *Bushwhack Ops*. Estas contavam com a participação dos soldados do Exército dos EUA, que eram desembarcados nas margens e ficavam aguardando a passagem do inimigo. Também é um excelente exemplo da principal característica da força ribeirinha, a integração entre os elementos terrestre e os meios fluviais durante as ações táticas. Pelo exposto, as ações da campanha *SEA LORDS* comprovam, com a descrição do manual em relação ao cumprimento da missão, que é fundamental o controle das hidrovias e as suas margens adjacentes.

Outro fator importante descrito no manual é a base de combate flutuante, em que temos o *Sea Float* como um ótimo exemplo. Foi estabelecida por nove flutuantes, possuía

geradores diesel para fornecer energia, tanques de armazenamento de combustível e água, depósitos de suprimentos, armamentos e munição, enfermaria e um centro de operações para apoiar as diversas missões. Também possuía locais de atracação para navios e embarcações. Desse modo, exercia um grande papel com relação ao Apoio Logístico/ Administrativo para a Força. Continuando no aspecto logístico, podemos citar os ATBS que o CMG Price mandou montar nos rios Vam Co Tay e Vam Co Dong, durante o *Giant Slingshot*. Que permitiram o apoio as suas embarcações operando a mais de 50 milhas afastadas da Base principal.

Outro aspecto da campanha *SEA LORDS* que possui semelhança com a descrição no manual são os meios fluviais que foram utilizados. Os CCB foram empregados para o comando e controle. Para as patrulhas fluviais e contramedidas de minagem os ASPB exerceram essas funções. Os ATC poderiam ser configurados para transporte de tropas, navios tanques e poderiam operar com helicópteros. Os PCF e os PBR poderiam ser utilizados nas patrulhas fluviais, tarefas de reconhecimento e embarque de equipes de demolição submarina. Todos os meios possuíam poder de fogo suficiente para autoproteção e para realizar apoio de fogo para outras embarcações e tropas terrestres.

O apoio aéreo prestado pelos helicópteros *Seawolf* e as aeronaves Broncos nas operações de patrulha, evacuação aeromédica e apoio de fogo, de modo atender o mais rápido possível quando os meios fluviais estavam sob intenso fogo inimigo. São condizentes com as ações descritas no manual.

Em relação ao aprestamento da força ribeirinha, o manual estabelece, quando a força estiver reunida, que serão realizados treinamentos especiais e os ensaios das operações. Verificamos que era prioridade das autoridades militares dos EUA o treinamento no ambiente operacional.

#### **4.2 Aspectos divergentes entre o Manual e a Realidade**



O principal fator divergente que encontramos quando confrontamos as ações executadas pela campanha *SEA LORDS* e os aspectos que analisamos do Manual de Operações Ribeirinhas, foi a criação de um centro de treinamento de operações ribeirinhas conjuntas. No manual não encontramos a necessidade da criação de um centro de treinamento.

No NIOTC quanto a sua composição verificamos a presença de representantes de todas as Forças Armadas dos EUA. Podemos salientar que o treinamento estava focado na Patrulha Fluvial e no Assalto Ribeirinho, que ensinaram para os soldados do Exército dos EUA técnicas e operações navais. Os marinheiros da USN e da USCG aprenderam técnicas de combate terrestre do Exército. Também constatamos que foram ministradas instruções de contrainsurgência e de guerra irregular. Não observamos essas importantes instruções no manual que estamos analisando.

Outro fato que observamos quanto ao aprestamento da operação, foi que, quando os elementos terrestres e navais chegaram no Vietnã do Sul, realizaram os seus treinamentos em locais diferentes. As unidades da 9ª Divisão de Infantaria realizaram o seu treinamento na Base de *Bear Cat*, sudeste de Saigon. Enquanto os militares da USN treinaram no Whitfield County, fundeado nas proximidades de Vung Tau.

Também observamos no Manual, quanto às ações e operações, que o documento não aborda de forma detalhada as ações de assistência social, a fim de conquistar a confiança da população local. Dessa forma, sendo um meio de valor para obtenção de informações das forças adversas.

A campanha *SEA LORDS* mostrou que para operar no ambiente ribeirinho são necessários meios, equipamentos e táticas próprias. Também não encontramos esse detalhamento no manual.

### **4.3 Conclusões Parciais**

Constatamos que os aspectos analisados do Manual de Operações Ribeirinhas estão condizentes com a execução da campanha *SEA LORDS* no Delta do Mekong.

Mas ao estudarmos a referida operação, verificamos pontos de grande importância que a publicação não aborda de forma detalhada.

Como a necessidade da criação de um centro doutrinário para Operações Ribeirinhas envolvendo as três Forças Singulares. Desta forma, os militares das três Forças Armadas iriam aprender procedimentos, técnicas e operações padronizados na área de operações ribeirinhas. Pois, em nosso território nacional encontramos dois grandes ambientes ribeirinhos, a bacia amazônica e o Pantanal, onde possuem características que exigem dos militares conhecimentos específicos para operarem de forma eficiente nesse ambiente. E demonstrando a importância desse tipo de região, a Estratégia de Defesa Nacional, 2016, indica como área de atenção especial a foz do Rio Amazonas. Onde essa área é fundamental para o controle do acesso ao Brasil por via marítima. Além disso, o controle dos rios e afluentes do Rio Amazonas e na região do Pantanal contribuiriam para o controle de atividades nas regiões de fronteira, monitorando e impedindo as ações de organizações criminosas.

Outro fator importante seria a inclusão de assuntos referentes as ações contra a guerra irregular e a insurgência, pois como já foi demonstrado, são áreas que favorecem aqueles tipos de atividades adversas.

Por conseguinte, notamos que a base para as operações ribeirinhas seria a Marinha. Devido à importância dada as bacias hidrográficas do Pantanal e do Amazonas nos dias de hoje, corrobora com o pensamento do Vice-Almirante Renato, 2014, que o Controle de Área Ribeirinha deveria ser uma nova Tarefa Básica do Poder Naval.

Percebemos que o manual de Operações Ribeirinhas do Ministério da Defesa necessita de uma atualização. Como demonstrado, os meios, equipamentos, necessidades logísticas e táticas para operações ribeirinhas são diferentes de uma Esquadra de águas azuis.

## 5 CONCLUSÕES FINAIS

Podemos concluir que conseguimos atingir o propósito do nosso estudo, que era responder o questionamento: o considerado no manual de Operações Ribeirinhas do Ministério da Defesa do Brasil teve aderência às experiências obtidas durante a campanha *SEA LORDS* realizada pela USN, no delta do Rio Mekong durante a guerra do Vietnã em 1968? Podemos concluir que os aspectos apresentados do manual de Operações Ribeirinhas tiveram uma aderência parcial das experiências da campanha *SEA LORDS*, pois não abordaram questões importantes, como o detalhamento de ações contra a guerra irregular e a insurgência, e da importância da criação de um centro de treinamento. Dessa forma, a nossa hipótese está parcialmente correta.

De modo a atingir o nosso propósito, o estudo foi estruturado em cinco capítulos, sendo um introdutório, três de desenvolvimento e um de conclusões finais. O primeiro capítulo de desenvolvimento discorremos aspectos do manual de Operações Ribeirinhas. Como era o dispositivo da força ribeirinha, a sua organização, as operações no ambiente ribeirinho, as funções dos meios navais e seu suporte logístico. No segundo capítulo, apresentamos a campanha *SEA LORDS*. Como foi o seu surgimento, a mudança de paradigmas na condução das ações no delta do Mekong, os meios que foram utilizados, a importância do apoio logístico e do apoio aéreo. Também foi demonstrada a evolução de equipamentos, sensores e de armamento. No terceiro capítulo realizamos a comparação dos dois objetos que eram o foco do estudo. Relacionando os aspectos que possuíam similaridades e pontos divergentes.

No capítulo de conclusões finais, em que temos a posse dos aspectos semelhantes e divergentes, percebemos que há mais semelhanças das ações descritas na campanha *SEA LORDS* com o manual de Operações Ribeirinhas, do que pontos divergentes.

Mas são nos pontos divergentes que extraímos questões para a evolução, pois percebemos que o manual de Operações Ribeirinhas do Ministério da Defesa necessita de

atualização, já que ao estudarmos uma operação que aconteceu antes da sua publicação, notamos que não é uma simples operação. Percebemos que foram desenvolvidos equipamentos para diminuir o ruído das embarcações, sensores para detectar a presença do inimigo nas proximidades da base de combate, detectores de metal para descobrir contrabando nas embarcações locais, dispositivos de visão noturna, canhões d'água que destroem fortalezas inimigas e desenvolvimento de armamento para ser utilizado da melhor forma possível, como foi o caso das metralhadoras de calibre ponto 30. Podemos concluir que as operações ribeirinhas, por conta das suas especificidades, devem ter um tratamento diferenciado.

Por ser uma operação que apresenta uma certa complexidade, a criação de um centro de treinamento para esse fim iria contribuir muito para o desenvolvimento da doutrina. Onde o conhecimento poderia ser difundido para as três Forças Singulares.

Possuindo uma doutrina atualizada, moderna e com o conhecimento transmitido no âmbito das Forças Armadas e para outras agências, como a Polícia Federal, ia contribuir muito no controle das hidrovias das bacias hidrográficas do Amazonas e do Pantanal. Dessa forma colaborando com o monitoramento das regiões de fronteiras e com o controle do acesso via marítima ao Brasil pela foz do Rio Amazonas.

Ainda em relação à doutrina, a inserção detalhada de ações contra as ameaças de guerra irregular e de insurgência seria um excelente aperfeiçoamento na doutrina, pois o ambiente ribeirinho favorece a atuação daqueles agentes adversos. Nesse interim, também seria de suma importância o detalhamento das ações de assistência social pois, devido às características dessas áreas a presença do Estado torna-se mais difícil, deixando a população ribeirinha exposta àqueles agentes e dessa maneira, perdendo uma ótima fonte de informações.

Devido às questões de dificuldade de mobilidade nos ambientes ribeirinhos, percebemos que a Marinha do Brasil é a base para esse tipo de operações. Assim, podemos dizer que a Marinha deveria estar à frente desses assuntos.

Enfim, com a intenção de aperfeiçoar ainda mais a doutrina sugerimos, para estudos futuros, o emprego de forças ribeirinhas em conflitos mais recentes, como as realizadas nas águas interiores do Iraque durante a Operação *Iraqi Freedom*. Porém, reconhecemos a dificuldade de encontrar esse tipo de conhecimento, pois são poucos autores que tratam do assunto.

## REFERÊNCIAS

- FRANÇA, Júnia Lessa et al. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p. (Coleção Aprender).
- BRASIL. Ministério da Defesa. *FA-M20 Manual de Operações Ribeirinhas*. 1ed. Brasília, 1981. 78p.
- SESSOMS; Lieutenant Commander Richard. *The Brown Water Navy In The Mekong Delta: COIN In The Littorals And Inland Waters*. Ed. Pickle Partners Publishing, 2014. E-book.
- CUTLER, Thomas J.. *Brown Wate. Black Berets: Coastal and Riverine Warfare in Vietnam*. Annapolis, Maryland: Ed. Naval Institute Press, 1988. E-book.
- MAROLDA, Edward J.; DUNNAVENT, R. Blake. *Combat at Close Quarters: Warfare on the Rivers and Canals of Vietnam*. Washington DC: Ed. Naval Historical Foundation, 2015. E-book.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Estratégia Nacional de Defesa*. Brasília, 2016. 45p.
- FERREIRA, Renato Rangel. *OPERAÇÕES NAVAIS NO SÉCULO XXI: A Amazônia Azul. Parte 2*. REVISTA MARÍTIMA BRASILEIRA, Rio de Janeiro, v. 134, ed. 04/06, p. 63-89, abr/jun 2014.

## ANEXO A

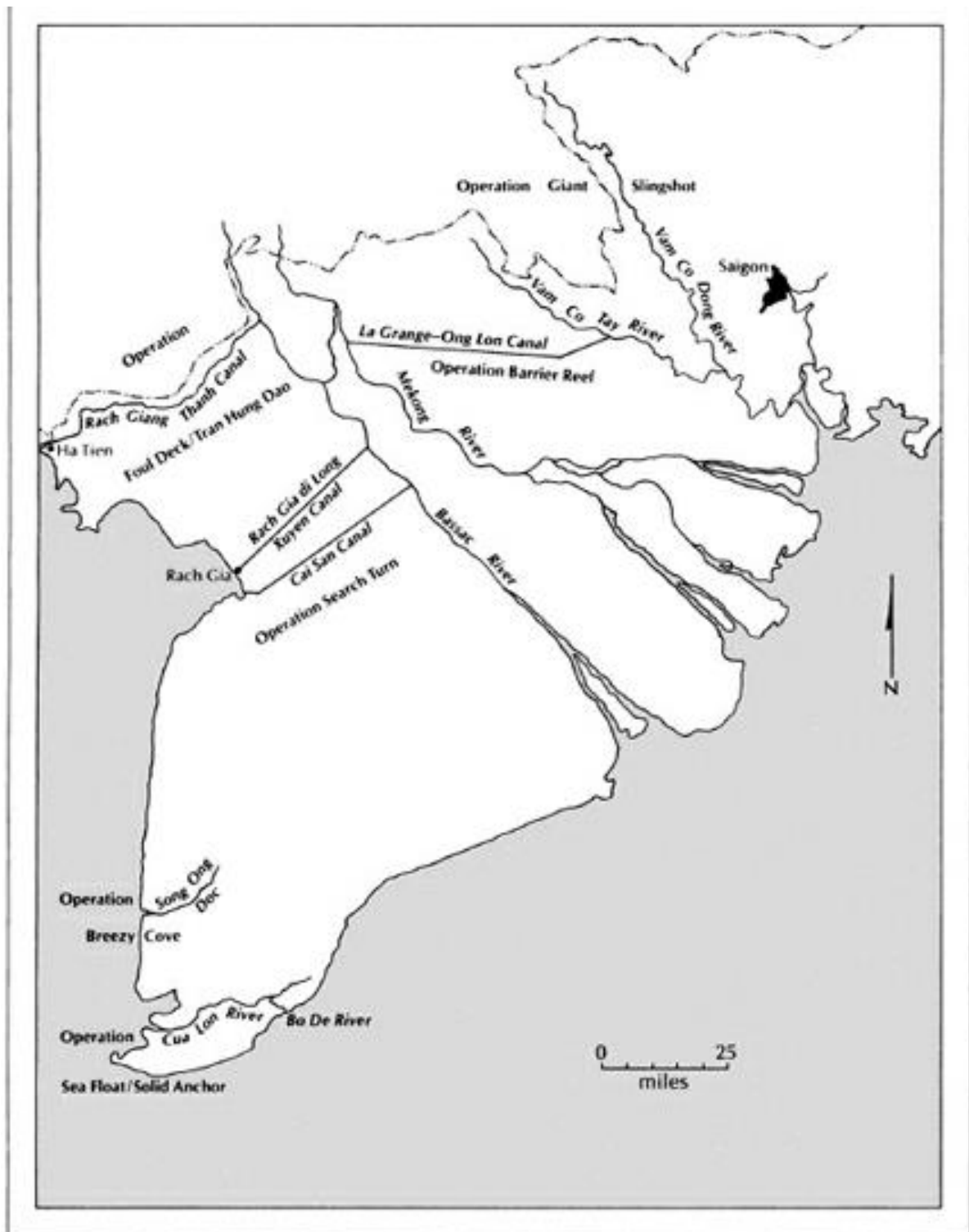


FIGURA 1 – Áreas de atuação das operações: *Search Turn*, *Foul Deck*, *Giant Slingshot* e *Barrier Reef*.

Fonte: CUTLER, 1988, p. 295.

## ANEXO B



Figura 2 – *Fast Patrol Boat (PCF) ou Swift Boat.*

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 1142.



## ANEXO C



Figura 3 – *Patrol Boat* (WPB) da USCG.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 1096.

## ANEXO D



Figura 4 – *Patrol Boat, River* (PBR).

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 398.

## ANEXO E



Figura 5 – Helicóptero *Seawolf*.

Fonte: Fonte: CUTLER, 1988, p. 192.

## ANEXO F



Figura 6 – Base de Combate Flutuante *Sea Float*.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 1245.

## ANEXO G



Figura 7 - *Armored Support Patrol Boat (ASPB)*.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 624.

## ANEXO H



Figura 8 – STCAN/FOM francês.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 209.

## ANEXO I



Figura 9 – *Armored Troop Carrier (ATC)*.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 697.

## ANEXO J

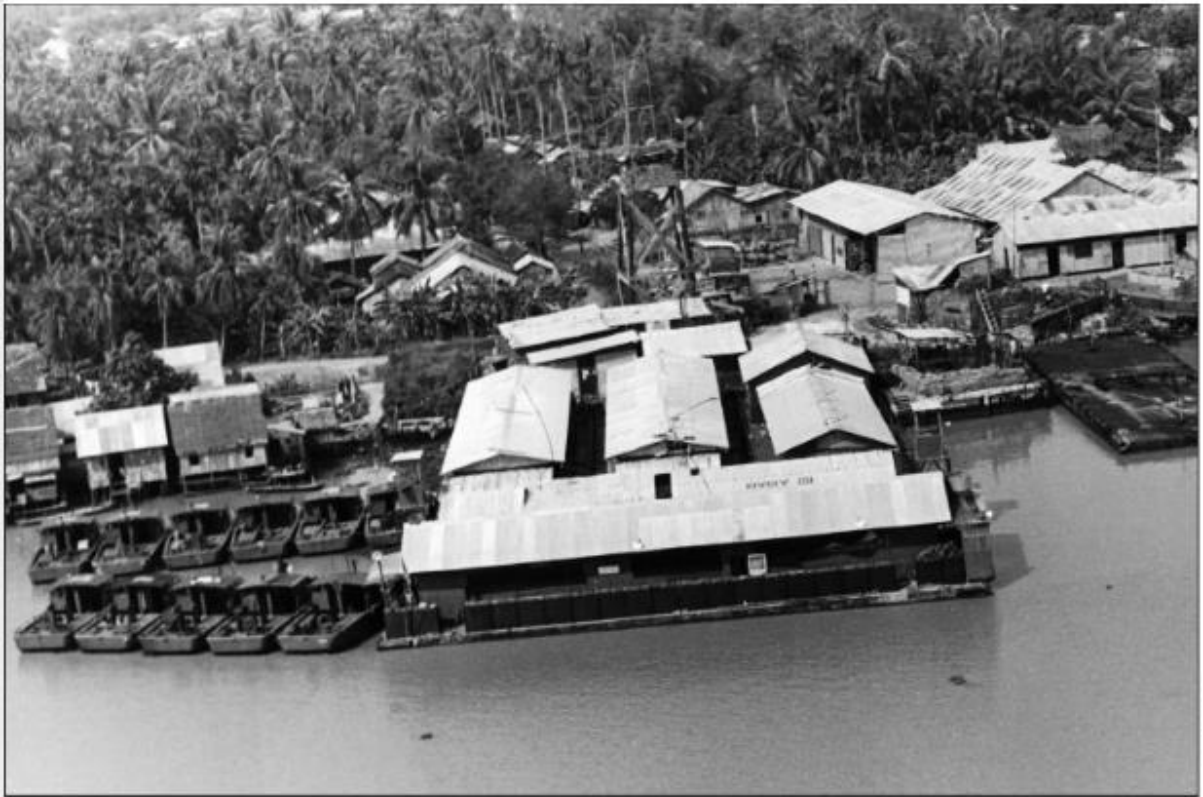


Figura 10 – *Advanced Tactical Support Bases (ATSB)*.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 953.



## ANEXO L



Figura 11 – *Zippo monitor* equipado com lança-chamas.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 642.

## ANEXO M



Figura 12 – *Douche boats*. *Armored Troop Carrier* (ATC) equipado com canhão d'água.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 634.

## ANEXO N



Figura 13 – Aeronaves OV-10ª Bronco.

Fonte: MAROLDA; DUNNAVENT, 2015, posição 1062.